O HOMEM TEMATIZA O HOMEM

A escrita masculina no século XXI

PISCINA PÚBLICA edições

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Homem tematiza o homem (livro eletrônico) : a escrita masculina no século XXI / conversa com Felipe Souza... et al. ; mediação Ana Paula Ferraz. -- São Paulo : Piscina Pública Edições, 2021.
PDF

Outros autores: Lucas Miyazaki, Marcelo Ariel, Mauricio Salles Vasconcelos
ISBN 978-65-994169-1-0

1. Criação (Literária, artística etc) 2. Escrita 3. Leitura 4. Literatura I. Souza, Felipe. II. Miyazaki, Lucas. III. Ariel, Marcelo. IV. Vasconcelos, Mauricio Salles. V. Ferraz, Ana Paula.

21-63114 CDD-808.02

Índices para catálogo sistemático:
1. Criação : Escrita : LiterAatura 808.02
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

O HOMEM TEMATIZA O HOMEM
A escrita masculina no século XXI

Conversa com

Felipe Souza
Lucas Miyazaki
Marcelo Ariel
Mauricio Salles Vasconcelos

Mediação
Ana Paula Ferraz

Lápis - Laboratórios de Criação - Escrita de Literatura e Teoria

www.lapislaboratorio.site

PISCINA PÚBLICA edições

Ficha técnica

Idealização e mediação
Ana Paula Ferraz

Autores convidados

Felipe Souza
Lucas Miyazaki
Marcelo Ariel
Mauricio Salles Vasconcelos

Projeto Gráfico
Ana Paula Albé

Arte e diagramação
Alessandra Cestac

Arte capa (Cat People)
Leandersson

Edição de texto
Ana Paula Ferraz

Revisão de texto
Felipe Souza

Encontro realizado como parte das atividades do Lápis - Laboratórios de Criação - Escrita de Literatura e Teoria - Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa/ FFLCH, Universidade de São Paulo.

www.lapislaboratorio.site

São Paulo, março de 2021 - Edições Piscina Pública.

www.piscinapublica.com

O HOMEM TEMATIZA O HOMEM

A escrita masculina no século XXI

Quarta feira, 24 de fevereiro de 2021

19h28 28ºC

Ana Paula Ferraz: A ideia de realizar este evento surgiu a partir da leitura de uma carta da Ana Cristina César para a Helô, do dia 28-11-1980, em que ela escreve o seguinte:

"Então virei pesquisadora do assunto mulher, catando bibliografia, achei uma livraria só disso, e pelo menos meia dúzia de livros inteligentes (todos batendo em literatura). Estou lendo inglesas e americanas. Tanto que já começo a achar que o assunto não é mais esse, quente seria homem, e então achei até uma antologia esperta onde homem tematiza ser homem, o que não acontece muito. Queria dar um curso sobre esse assunto."

É verdade que muitos eventos, até hoje, giram em torno desse assunto: o que é a escrita feminina? Existe a escrita feminina? Como se a escrita masculina fosse universal.

Por isso, hoje eu queria conversar com vocês, quatro escritores biologicamente e, talvez, também, tecnologicamente dados como homens, para devolver essas perguntas: existe a escrita masculina? E como é escrever como homem no século 21?

Mas, antes, gostaria de lançar algumas provocações:

Marguerite Duras diz, em "Boas Falas", que apenas a mulher escreve. Mesmo quando o homem escreve, ele escreve como mulher.

Ela também conta que, durante as cruzadas, quando os homens partiram para as batalhas, as mulheres ficaram nas aldeias, com as crianças e os animais. E conversavam com as luas, com as árvores. Aí elas teriam desenvolvido uma linguagem própria. Quando os homens voltaram, não conseguiram mais compreender o que elas falavam; por isso, foram consideradas bruxas.

Nos anos 90, a filósofa francesa Luce Irigaray apresenta, em "Homens e mulheres, qual é a diferença?", uma pesquisa com crianças, jovens e adultos - homens e mulheres - em que propuseram que se escrevesse uma frase com a palavra "com". Os homens tenderiam a escrever: "Eu escrevi com uma caneta" ou "Eu vim para escola com minha bicicleta". Já a tendência da mulher seria escrever assim: "Hoje à noite eu vou sair com meu namorado" ou "Eu sempre vou morar com você". Enquanto os homens privilegiam os seus objetos, as mulheres privilegiam o "eu" em relação à outra pessoa. Ao serem solicitados para escrever uma frase com a palavra "juntos", eles vão destacar o "eu" junto com os amigos - mesmo até se essa frase tiver um problema gramatical. O homem vai sempre preferir colocar ele próprio, em um grupo, do mesmo gênero; já a mulher vai preferir o gênero oposto, e em dupla. "Não é o mesmo mundo", ela conclui.

Helene Cixous tenderia a concordar com elas. O masculino, para ela, é muito centrado no falo. Qualquer coisa, desestabiliza. Por isso, o homem seria contido, cerrado, binário.

Já o gozo da mulher é mais fluido e disperso. A mulher seria mais aberta, mais porosa, mais atravessada pelo outro, mais relacional - o que é essencial para o escritor.

Valéria Solanas acreditava que a virilidade era uma qualidade feminina que foi usurpada pelos homens.

Em outra mão, Monique Wittig se acreditava tão lésbica

que já não podia mais ser mulher.

Paul Preciado também propõe que fujamos desse mundo de determinações heterocentradas.

Todas essas questões nos levam a perguntar: a mulher existe? E aqui, uma outra pergunta óbvia: o homem existe?

Se a mulher existe, o que é a mulher?
Se o homem existe, o que é o homem?

E pergunto ainda: vocês são homens?

Convidamos aqui escritores cujas pesquisas teóricas e textos literários percorrem, de diferentes modos, o tema da masculinidade, para conversar sobre a escrita masculina no século XXI.

Vamos começar com o Marcelo Ariel, com quem tive uma conversa antes desse evento, em que ele destacou que a masculinidade não é um tema central em sua obra...

Marcelo Ariel: Ana, eu vou começar com uma leitura de um fragmento do Thomas Merton. Com um haiku:

Firme rouxinol
Do fundo pode crescer
Somos disfarces

Somos disfarces. Inclusive, eu não vejo distinção entre o rouxinol e a árvore Eu acredito eu acredito não, eu sinto, porque tem a questão da BIOS e de tudo que envolve a BIOS - nos disfarces. Eu imagino que não há mais gênero. Estava conversando com meu amigo, o poeta Luís Serguilha: "Pô, Serguilha, a psicanálise tem um problema, ela é binária... É tudo centrado no binário, na castração..." E, para mim, não existe nisso nenhum senso de realidade; a realidade é algo que a gente vai tateando e tem várias camadas de sonho;

até a gente, talvez, retornar a uma percepção da BIOS toda - dos vários e das várias. Eu acho que a linguagem não chega a tocar no real, é muito difícil acontecer isso. Mas ela tem sua poeticidade, onde, talvez, até uma poeticidade lá "onirize as coisas e a gente consiga, como queria Clarice Lispector, transformar o mundo num sonho acordado. Eu tenho convicção de que não há gênero dentro do sonho também - o sonho é uma explosão de imanências, inclusive; e a minha vida como fenômeno é metade sonhada. Ainda mais com essa percepção de colapsos, de crises extremas, crise justamente das classificações, crises das religiões - laicas ou não. E eu considero que os gêneros também são uma espécie de religião, compreende? Como a economia também é uma religião que precisa muito da polaridade. Como a guerra também é uma "religião". Eu coloco as coisas nesse âmbito, tentando torcer um pouco a linguagem. Vivemos um hibridismo que já foi suave e hoje é feroz. Inclusive hibridismos com diversas e diversas camadas da finitude e da infinitude - e a finitude está dentro das coisas, já que o campo de imanência é sonhado para mim. Então, não acredito em gênero.

Eu estava lendo Ovídio um dia desses - o mesmo Ovídio que é o autor da "Arte de Amar" e também é autor de "Metamorfoses". É esse autor de "Metamorfoses" para mim que prevalece. Estamos vivendo contínuas metamorfoses. O tempo todo. A gente se segura nesse barquinho furado da identidade, é um barquinho que vai se convertendo num barco de água - é um barco bêbado também. Eu acho interessante essa zona de indeterminação e nós estamos entrando definitivamente nela, vivendo com muita força essa zona. Eu acho que é uma zona que é uma emanação da BIOS. As BIOS estão vivendo um processo de comunicatividade muito forte com o entorno e nós estamos cada vez mais vivendo nossas BIOS. Elas são potências e dão alegria. Uma coisa que eu aprendi muito com o Mauricio é que a arte é uma expressão da alegria de viver. Há uma poeticidade das forças de comunicação, das forças musicais dessa BIOS. Sempre é um dado do mundo de fora

que produz um entusiasmo e uma mistura. Eu aprendi isso na obra do Rimbaud e na obra do Mauricio; e, quando eu leio vocês, há essa mistura. Para mim, quando estou lendo a Virgínia Woolf, ou ouvindo a Sarah Vaughan, eu, de algum modo, vou me misturando com a Sarah Vaughan. Eu não acho que a origem determina um fechamento. A origem determina um nomadismo. Então eu discordo da Marguerite Duras nesse sentido. Tem até um livro do Robert Graves, "A deusa branca", que é muito interessante. Ele começa nesse caminho da Duras e comenta o alfabeto das árvores, essa linguagem primordial que é inaugurada por esse percurso na floresta. É um percurso imanente. Mas é um percurso que também acontece com as polaridades em complementação e em mistura. Eu acho que quando a gente une a mão esquerda e a mão direita, tem a imagem da mão como um corpo. Não concebo como mão esquerda e como mão direita. Eu concebo como mistura. Eu quero cada vez mais que minha mão esquerda seja também o corpo direito e uma espécie de mão direita do lado esquerdo, e que a mão direita seja uma mão esquerda do lado direito. Eu tento fazer a mão direita desaprender. Essas polaridades que a gente vê no corpo são misturas também. Eu não acho que as coisas se dão dentro de um território fechado, de um território fronteiriço. As fronteiras estão cada vez mais apagadas. Principalmente, as fronteiras entre gêneros.

Claro que existe: o "eu", ele tem sua importância, você constrói para abandonar - é como uma casa que você constrói para abandonar. E esse "eu" precisa da sua polaridade no início de sua existência. Mas é uma casa onde vai crescendo mato e entrando mato dentro e vai crescendo, crescendo e de repente há uma árvore. Não sei se vamos nos separar da floresta. Eu vou percebendo cada vez mais que é uma floresta de dentro que encontra uma floresta de fora. Que o corpo, por mais que eu pense o corpo por dentro, eu vou sentindo que o corpo não tem um "eu" e talvez nem um gênero. Talvez nem a trompa de falópio nem o pênis possuam um gênero nesta minha visão, já que eles não possuem um "eu".

Eles possuem uma função e na função a gente determina, cria um inútil catálogo de polaridades, funções que são ou pra direita ou pra esquerda; ou pro centro, ou pra trás ou pra frente. São gestos. Eu acho que os órgãos produzem gestos sem "eu". Agora, esses gestos também são sem nome. Eu até imagino que, futuramente, nós vamos desintegrar o rosto cada vez mais. Seremos rostos abertos. Códigos abertos no lugar de nomes.

Eu penso que, de algum modo, a gente está aprendendo com essa dimensão da vida algo-rítmica - e já que ela tem ritmo, esse ritmo de algoritmo é um ritmo que vai primeiro esquadrinhar essas polaridades, essas formas, esses disfarces. Mas há algo nesses disfarces que ele não alcança. Nosso aprendizado está justamente com o inalcançável, com o inominável, com o desconhecido, com o "vários" - o João Vário é um poeta que me foi apresentado também pelo Mauricio. À medida que a gente vai vivendo, a gente vai se tornando em "vários" e é esse "vários" que é interessante. Então, você me pergunta: você é homem? Você é mulher? Você é negro? Você é branco? E imagino que existem funções, momentos, e em cada momento há um tipo de gesto e um tipo de manifestação em que eu sou de algum modo misturado com algum aspecto da floresta, com algum aspecto de uma certa necessidade e desejo criado nesse momento. Há dias em que eu sou uma árvore, há dias em que sou uma mulher, há momentos em que sou uma pedra, ou uma caneca de café. Uma mistura. Eu sou partidário do zen. Parece que é meio humorístico falar isso, mas o humor é uma forma de conhecimento elevado. Porque a cada momento eu percebo que estamos vivendo vidas que ao mesmo tempo elas vão se tornando cósmicas e partindo para o subatômico. A gente vai tendo essas emanações, esses gestos, essas danças, essa coreografia do macro e do micro dentro de nós e fica difícil falar em identidade, falar em circunscrições. Mas, no campo da comunicação, acontece a mistura, existe o entremeio. É óbvio que eu me movo, que habito esse entremeio como um lugar que é um movimento e que é um vazio. Então, eu diria que

hoje eu sou também um partidário do vazio, da criação do vazio e até do desejo pelo vazio e desse movimento de mistura. Eu não diria que esse "sou" é fechado dentro de uma espécie de marca, compreende? Eu acho que esse "sou" é aberto para sinais, e esses sinais vão me puxando para os gestos dos órgãos, que vão me desfazendo em misturas. E essas misturas, que são um grande hibridismo, compõem para mim um desconhecimento de mim mesmo e dessa BIOS que está dentro de mim, e compõem uma transmigração, uma migração entre migrações.

Eu me sinto muito como - e eu sou filho de ciganos - um ser que cada vez mais vai se tornado wind, vento. Vento misturado com outros seres de vento. Não estou interessado em fazer um fechamento do ser. Nego completamente Heidegger nesse sentido. Não me interessa nem um pouco a metafísica do ser. Acho que o ser não serve para tudo; a ordem de não ser é que é boa pra mim. Tem um koan zen que diz que para o pássaro nascer é preciso destruir o pássaro. Ele diz que não há pássaro no ovo e não há ovo no pássaro. Depois, não há pássaro nem ovo, só o voo. E o voo é fechado ou aberto? Voltamos para Clarice Lispector. Todo koan é uma pergunta. Estamos até vivendo um koan nesse momento. Claro que existe um "eu" social, um "eu" que tem funções. Um "eu" que foi como um fato. Eu entro no banco e aquele "eu" artificial criado para entrar no banco só existe ali. Esse "eu" econômico, vamos dizer assim, é efêmero. Não vai continuar existindo na medida em que se passarem os séculos. Enquanto o "eu" musical se mistura com os sons e preenche todas as coisas e depois também some e desaparece completamente mas se funde com o invisível da música - esse "eu" é mais interessante. O Oiticica dizia: "o que eu faço é música". Se tornar cada vez mais sinfônico. Cada vez menos regente, cada vez mais música. Digo regente porque o maestro reduz a música a um documento, tem que recompor, traduzir a música; eu não estou interessado em ser um ente tradutório. Estou mais interessado em ser um ente de sons, de música, como diria o Coltrane. O Coltrane dizia que tocava para

desaparecer na música. Isso não tem nada a ver com identidade.

Então é isso. Não concebo isso que você falou: gênero. Para mim, isso está desaparecendo e com o desaparecimento do gênero, primeiro como conceito; e depois toda estrutura que há em torno desse gênero vai ruir também - e já está ruindo. Já entrou água nessa estrutura polarizada, binária. É uma crise do binarismo e do masculino, porque ele, no polo binário, no polo das guerras; do polo "a" e do polo "b"; o que sustenta o binarismo hoje é a violência, inclusive a do Estado, desse estado fixo, o exército; tudo isso aí deve cair junto. Então, minha resposta é essa. Não acredito que a escrita tenha gênero. Eu acho até que escrever como humano não é interessante. Eu queria escrever como um animal, cada vez me interessa mais escrever como um animal. Entrar em outras possibilidades da linguagem e para fora dela, nas bordas dela, nos limites dela, tensionar a linguagem ao máximo. Eu considero tudo o que eu escrevi antes um tateamento cego. Mas quando eu sonho, eu já sonhei que era uma onça. Tem uma expressão que estou usando muito nos meus poemas recentes que é jaguar-orquídea. Eu ambiciono me sentir um jaguar--orquídea. Só que disfarçado disso aqui que você está vendo e ouvindo. Eu queria ser a Billie Holiday. Depois queria ser o Ney Matogrosso. Depois eu queria ser a Clarice Lispector. Foi isso que aconteceu na minha infância.

Ana Paula: Eu tendo a concordar com você e recentemente tenho feito essa pergunta também, se eu sou mulher. E, apesar de concordar com você, e de questionar se eu sou mulher, eu tendo a buscar escritoras, diretoras eu me identifico mais com essa linguagem e isso me provoca esse conflito. Então, se o gênero não existe, por que eu estou procurando esse tipo de leitura? Como se o ser da mulher fosse universal, ou não, ou, como se, na verdade, o que interessa é esse devir orquídea-onça...

Marcelo: Você falou uma coisa que é bonita, nesse mundo binário foi construída uma maquete, a grande construção de uma superestrutura que é binária. E há polos menos visitados, há polos opaciados. Uma espécie de "dark side of the moom" dessa história binária. Há um polo que vai corroendo outro. Há forças de lei. Com a queda do mundo binário, você vai encontrar mulher em tudo que se fizer mulher.

Ana Paula: Eu queria aproveitar a conversa para chamar o Mauricio, para comentar e falar sobre o seu ponto de vista, que também tem essa pesquisa da masculinidade que se expressa em várias obras...

Mauricio Salles Vasconcelos: Não há ponto de vista, na verdade, porque o espaço da escrita é esse espaço metamórfico de revelação e nisso existia a escrita que foi codificada e legada e produzida por homens, e depois a mulher começa a ter uma atuação histórica e isso vai inseminar os escritos. Nós todos temos um patrimônio incrível deixado pela escrita feminina - na medida em que houve um feminismo e se passou para uma feminização do mundo rumo a uma erotização que se dissemina cada vez mais nessas gradações que fomos vendo desde o movimento feminista nas suas ondas - quatro ondas demarcaram assim essa história. Nessa sequência, foi havendo paralelamente uma homossexualização crescente do mundo (dos mundos), dos afetos, das escritas; hoje uma travessia "crossgender" mostra que é um espaço em que gradativamente vamos perdendo essa dimensão delimitada de sexo.

A grande luta que precisa ser feita para serem derrubadas certas hierarquias aponta para o movimento desses combates importantes e das formulações estéticas que vêm nessas escritas: um movimento de romper as divisórias de sexo. Porque qualquer forma de dominação, segmentação, especificação, nesse sentido, é importante, em certas circunstâncias - elas tendem a ser cada vez mais históricas, situadas - mas, quando se expande a

experiência, como nesse universo de linguagem, na própria vida, o que vamos assistindo hoje é a necessidade de politizarmos campos, com as conquistas já em andamento, mas também nesse encontro mais plural, entre as diversas orientações.

Porque todos estão sendo transformados nessa dinâmica de mutações; aí, nisso se circunscreve uma identidade para demarcar um território de reivindicação, de conquista, de virada de jogo, mas isso não se estratifica porque, cada vez mais, as mudanças, por exemplo, trazidas com o homossexualismo, atingem o heterossexual e fazem com que todos avancem em experiência, em afeto. Mesmo que não haja a escolha homossexual para a vida da sexualidade, os nosso sentidos são tomados por outros átomos, gestos, e isso nos contagia imensamente, assim como toda essa tranformação que ocorre nos cortes, viradas de sexos, "crossgenders", esses transsexualismos importantes. Mas nada se paralisa porque é o começo de uma grande transformação. E, na escrita, isso se acentua bastante.

Há essa variação muito bem posta no livro O "Anti-Édipo", que é um livro que deixa isso muito claro, o Marcelo também pontuou isso. Nessa variação, passamos de uma dimensão para outra, e até entre seres e não seres, objetos, não eus e nas sexualidades também - somos muitos, muitas - nesse andamento todo criativo na esfera dos afetos. Então, essa dimensão metamórfica que eu gosto muito de observar, de ver e redesenhar no campo da escrita, seja em qualquer linha - na poesia, na narrativa tem a ver com o desejo de atingir essa integralidade. Na real, é um lado íntegro que vai se dando de uma outra humanidade.

Eu acho que o que está emergindo é isso: nós estamos precisando, nessa experiência-limite em que nós nos encontramos, redefinir mesmo esse devir do humano, com as conquistas para além dos sectarismos identitários - que são importantes para dinamizar questões, para

derrubar acorrentamentos, liberar o que é preciso -, mas numa política da heterogeneidade e da mescla. É nisso que eu vejo a força. Ninguém conversa sozinho, apenas entre os seus iguais de "gender", sejam quais forem as orientações. Porque o coletivo, as diferentes formas de viver a sexualidade, estão sendo contagiadas simultaneamente, com inumeráveis forças pra gente criar cada vez mais elos de aberturas para uma vida sem determinismos de nenhuma espécie. Isso se acentua no espaço da escrita. Realmente, eu adoro mulher que escreve e adoro a escrita porque tem um lado feminino, mas eu vejo que essas grandes autoras, e você citou a Ana Cristina, que talvez seja a autora que mais contribua porque ela é ainda um dos nomes contemporâneos mais ativos. No interior dessa mutação trazida com a questão feminina, emergem outras sexualidades. Eu a conheci há uma diferença pequena nossa de idade, eu sou do Rio também. Já fui à casa dela, inclusive na casa em que ela morreu, em Copacabana, buscar artigos para uma revista, a "Almanaque". Eu tava fazendo um levantamento das poetas mulheres no Rio e ela me disse, quando me passou seus poemas para a "Almanaque": "Eu não vou entrar no livro" - que eu não vou citar para não dar celeuma com a pessoa que organizou - "porque tem uma tendência do feminino em marcar um fechamento". Era o que ela buscava justamente. Ana disse: "não quis entrar no livro" (uma antologia de poesia feminina), "eu e a Crica Ohana" (irmã da Cláudia Ohana, que na época era uma jovem poeta que estourou e desapareceu muito rapidamente). Porque ela buscava o estético, a ternura, o receptivo no ato combativo, a pluralidade, no seu lado também marcante de um androginato. Ela era andrógina. A questão da morte dela, inclusive, tem a ver com tudo isso. Essa escolha do início dos anos 1980, ainda forte, nova para a mulher. Ela era uma garota - morreu com 31 - que apaixonava a todos, e não deixou de me jogar um charme que me extasiou, por onde passou, passava, mas tinha essa questão andrógina. Esse é o ponto: é o androginato que nos constitui.

Hoje eu inclusive gosto do lado homem - porque a gente tem, pela nossa biologia, um dado, por mais que a gente se transforme, tem, mas depois adquire outros, porque ninguém é uma coisa só. Mas se atendo à tua questão, eu diria que mesmo nessa pluralidade, nesse múltiplo que sou, que somos, eu acho que tem um lado do homem que talvez esteja perdido no momento em que há recrudescimento num machismo vindo de modo mais clamoroso em espaços oficiais de poder. Tem a questão do enrustimento sério, um discurso da analidade, da retenção anal, de dar o corpo e não admitir isso, daí partindo pra agressão e pro deboche. Isso vem sendo inúmeras vezes usado publicamente, um lado grotesco se manifestando contra qualquer liberação sexual como se o modelo macho, que não existe mais, fosse o padrão - todo macho que se afirma macho tem problema. A gente sabe, isso é histórico. Imagina se fazer um discurso monovalente pra regredir a essa compreensão. Hoje o que seria o macho é aquele de fibra, de integridade em qualquer escolha que se tenha. Nesse sentido, virou, porque é a "drag queen", passível de ser concebida como boneca da noite, que seria o equivalente disso, por ser mais radical, mais íntegra nesse sentido. O lado masculino que me constitui tem uma integridade que eu gosto de trabalhar para fora do machismo, que é o lado que se comunica com todas as sexualidades e valoriza a "outridade" - eu gosto mais dessa palavra, que vem do Octavio Paz, do que alteridade, que virou hoje um "tag", um nome de porta de gabinete em departamentos de qualquer instituição, não apenas universitária; a mais oficial.

Então é nessa linha que eu acho interessante: o íntegro do humano na sua variedade. Então o masculino tem, como a mulher tem, como a "drag" tem, como a mais escandalosa figura do homessexualismo, das suas combinações todas, de todo o nosso androginato, uma redefinição do humano em face da desvalorização dos seres como hoje há um programa que, aqui e ali, aparece na violência de certos discursos em vigor, no contra-ataque à imensa

liberdade conquistada nos últimos tempos. Porque nós vivemos a baixeza, a repressão, convertendo o falso ser masculino centralizado no poder à condição mais primária, numa escatologia sexista realmente doentia/ demente como um discurso que quer reprimir justamente o que não dá mais pra deixar de se transformar livre e gozosamente. Tá no nosso corpo. A integridade do humano sem sexo, eu diria assim. Cada vez mais indo pra onde quiser. E, inclusive, se sentindo muito bem nessa afirmação, no caso de um homem nascido homem, em meio a sexos mais e mais diferentes, influentes entre si, em qualquer orientação que seja, num convívio mutuamente enriquecedor, intercambiante. Integralidade, no que integra cada um, nesse sentido. A mais íntegra, inteira, integral, é aquela pessoa devolvida ao seu múltiplo sexual.

Marcelo: Gostei do que você falou em variações do androginato. Que palavra bonita essa: androginato.

Mauricio: É do campo cabalístico, você sabe?

Marcelo: Isso é uma resposta ao chorume que está aí. O androginato é uma grande força.

Ana Paula: É engraçado, o que a gente vive hoje, como esse homem que tá desaparecendo, que resiste, se sente ameaçado e que representa o poder, e o homem que se dá por oposição, né, "natureza é o que não é homem", "a mulher não é homem". E justamente é a natureza e a mulher que são constantemente violadas por esse poder que tenta se afirmar. Mas parece que é um último suspiro de um projeto que não tem mais como vingar e vai desaparecer, apesar de tentar se afirmar pela força.

Queria chamar o Lucas, que está recentemente com uma peça que toca muito nesse tema, e queria que você nos contasse desse trabalho que transcende - trans é o que vai além, o transatlântico -, por onde você tem andado

e como esses temas têm tocado a sua produção literária.

Lucas Miyazaki: Esse tema da nossa conversa me atravessa bastante, principalmente ligado a essa questão da sexualidade, e acredito, de fato, que a literatura, mais do que as outras artes, inclusive, tem esse papel de gestação, de tocar numa subjetividade, de construir uma subjetividade possível e, de alguma forma, mexendo nesse lugar do eu, desse íntimo que nos constitui e na forma como a gente vê o mundo.

Então, eu acho que mais do que qualquer outra arte, a escrita tem esse papel de presentificar uma subjetividade possível. Então, quando a gente pensa nessa questão do homem e da mulher, que está intimamente ligada a uma questão linguística, a uma questão da linguagem - o Paul Preciado diz isso, que a primeira operação que a gente faz numa pessoa é perguntar se vai ser menino ou menina - então a literatura tem esse papel, não de representar isso, mas de apresentar uma forma de vida que seja outra e fazer com que isso aconteça ali e não só represente como o mundo coloca pra gente essa questão do homem e da mulher. Mas, ao mesmo tempo, e chegando nesse trabalho que estou agora fazendo, com essa dramaturgia, e também falando porque isso é algo que me toca muito, é porque também, de alguma forma, a gente acaba reproduzindo num sentido de compreensão de nós mesmos.

Eu tive essa felicidade de poder explorar mais diretamente essa questão na peça que estou fazendo agora, na dramaturgia "Não ela", que eu fui elaborando bem esse momento do que me faz gozar, o que me faz ter uma ereção, o que me faz conseguir pulsar um gozo para fora. É uma temátca que sempre me interessou, o erotismo, a pornografia, isso eu busco na minha fruição artística de modo geral, mas nessa peça especificamente eu verticalizei um pouco esse tema e eu comecei a ver - porque eu namoro Oli (Oliver Olívia), uma pessoa trans, trans masculina, e que eu tenho uma projeção que é a

de um corpo feminino. Eu olho pra esse corpo e projeto uma mulher e, no momento do gozo - isso é presente querendo ou não, e também pro Oli, que também transita em uma performatividade feminina, às vezes, de colar nesse lugar da mulher, ou também o contrário, quando me deixo afetar por esse lugar de estar com outro homem, e ir transitando nesses espaços, entrando nessas zonas indeterminadas, o que é muito bonito. E aí eu fui entrando nesse lugar e explorando essas zonas que a gente entende como natural, aquele momento do gozo, aquele momento do gemido, como isso também é uma construção que a gente vai elaborando; os próprios ruídos que fazemos com a boca, de dor, seja lá o que for, é linguagem também. É esse ruído animalesco que toca esse lugar animal, vai construindo esse lugar que eu acho muito interessante e que a literatura felizmente elabora de uma forma muito potente.

Escrevi, recentemente, sobre a prosa de Hilda Hilst - ela tem essa coisa de trazer uma animalidade outra, de presentificá-la e de performá-la. Como um estado corpóreo: é uma fabulação que inventa um estado corpóreo que passa a existir no mundo. Já representar o homem e a mulher é mais próximo do que acontece no que chamamos de realismo, na ideia de representação. No realismo, esse lugar do homem e da mulher está, por conta de diversos fatores históricos, mais dados, e você passa por isso de uma forma sem muito atrito, sem perceber essa latência dessa animalidade humana instável e sempre em construção. Aí, eu sinto que essa literatura passa muito nesse lugar. Eu, como homem cis, escrevo desse lugar que me faz ter prazer, de uma pornografia que me foi construída. Esse lugar da mulher, isso me interessa muito: fazer esses mergulhos, depois voltar, porque a escrita possibilita esse espaço de abertura maior. Como o Maurício e o Marcelo estavam comentando, eu acho que é muito essa experiência que eu tenho com a literatura, que é de estar nesse lugar de expansão dos corpos. É um pouco como eu vejo.

Marcelo: Estou muito curioso e muito instigado em conhecer o seu trabalho, Lucas, e com o seu também, Felipe, que é um trabalho em cima da experiência de uma epistemologia, que é um campo das experiências. Isso é interessante. Quero muito conhecer esses textos. A pornografia se coloca como mitologia também e vai criando suas mitologias; isso é uma coisa interessante: a mitografia e a mitologia da pornografia. Tem um lugar assim que, para mim, às vezes, se aproxima até de uma ascese para fora da linguagem na sua potencialidade. Tem um potencial dentro da pornografia que ainda não foi explorado. Uma vez, eu liguei pra Hilda Hilst, eu costumava ligar pra ela às vezes, e coloquei isso aí.

O João Gilberto Noll tem um livro que eu estava lendo dia desses, que é o "Acenos e Afagos". É sobre um homem que vira uma mulher. Eu ando pesquisando isso também. É fantástico isso que você falou. Essa linguagem que esbarra no ato, no gesto da experiência. Realmente, o gozo é um problema. Tem um estágio do gozo que fica parado, que vira uma repetição, um "loop" sem gerar experiência nenhuma, que fica estratificado. Tem esse lugar binário do gozo também. Isso é uma coisa que eu vou escrever sobre um dia. Tem um afeto nisso aí. É uma dimensão. Tem as variações que o Mauricio colocou. Quer dizer, são campos de aberturas para a diversidade. É uma palavra poluída essa, logo haverá o Ministério da Alteridade e o Ministério da Diversidade.

Mas uma coisa muito clara da nossa conversa, uma sensação que eu tenho, de que o macho-alfa sempre no comando já era. O militar acabou. Estamos vendo a grande crise do macho, desse macho-alfa, isso é bem claro pra mim, essa crise do masculino é irreversível. É uma fresta que aponta para uma abertura enorme de diversas e diversas metamorfoses que são incanceláveis e irreversíveis.

Ana Paula: Vou aproveitar para chamar o Felipe, que

também está pesquisando e escrevendo sobre o tema...

Felipe Souza: Desde o começo, quando você me convidou, falando um pouquinho sobre o projeto, eu tive essa afinidade com o que você pensa, sobre essa coisa que você falou de quando estar lendo uma obra ter essa noção de uma escrita feminina e uma escrita masculina. Em muitos casos, isso passa por mim também. Às vezes, lendo algo, eu penso "nossa, esse escritor é homem, mas parece uma literatura feminina"; por vezes, o contrário. Eu acho que esse binarismo ainda existe em muitos casos e a gente ainda tá buscando romper com isso, e só de ter essa discussão aqui eu já acho que é um alento, saber que isso está sendo buscado através de laboratórios como o lápis, essa busca por romper esses binarismos. E quando eu vejo essa diferença, eu sempre me pergunto "o que tem aqui que me faz ver essa obra como masculina?" ou "O que me faz pensar 'nossa, essa obra foi escrita por um homem mas não parece'?" Acho que o que mais pega pra mim, o que cada vez mais eu tento buscar quando eu escrevo, é essa permissividade do sentir masculino.

O que seria para mim uma literatura que eu percebo como masculina? É uma literatura em que você percebe umas marcas nesse bloqueio do sentir; uma literatura que não se permite esse sentir masculino - seja na própria escrita, seja no modo como se concebe os personagens masculinos. Isso que o Lucas falou, do gozo, do prazer; são personagens que, quando se permitem o sentir, o gozo, o desejo, é muito relacionado com uma ideia de poder: "nossa, sou o grande fodedor". Não é uma coisa em que se discute o desejo, em que se discute o prazer pelo prazer; é uma relação prazer-poder que está ali inserida, que está ali implícita. Em muitos casos, o sentir masculino até aparece: o homem explícita de alguma forma o sentimento, mas, em muitos casos, isso vai até a página dois. Você percebe que essa manifestação do sentir, essa manifestação de um sofrimento, ainda está muito na esfera do deboche. Essa falta de permis-

sividade é tão grande que, mesmo quando ela é colocada, ela é estancada porque parece que "não, eu posso ir só até aqui". Pra além disso, algo parece que vai desvirtuar. Mas essa busca - e agora entrando na minha obra e nos autores que eu busco ler, no texto que cada vez mais eu busco escrever - eu percebo que até na seleção que você me pediu, que cada vez mais meus personagens manifestam um deslocamento desse binarismo, eu busco que esses personagens masculinos e femininos cada vez mais se desloquem de uma performatividade, de algo que seja esperado desse binarismo de gênero.

Então, diante dessas mutações nas sexualidades que o Mauricio falou, diante de todo avanço, das questões que surgem cada vez mais, eu acho que a gente tem que buscar uma literatura que rompa realmente com essas vozes que a gente tá tão cansado de ouvir. Essa voz tipicamente masculina, que a gente falou, é algo que é martelado na gente, na literatura que foi tanto tempo hegemônica, e é uma voz muito conhecida, que todo mundo sabe o que é, uma voz que tá ligada a essa ideia de poder, de não se permitir ficar em segundo lugar, que tem que ganhar sempre em tudo, estar sempre ocupando posições de poder e de vitória. Essa voz a gente já conhece, a gente não precisa reproduzir mais. A gente tem que buscar uma outra voz aproveitar essa força da literatura pra dialogar, pra trazer esse homem, esse masculino, e mesmo esse feminino, em diálogo, em harmonia com todas as mutações da sexualidade, de tudo que o mundo já evoluiu em termos de debate com relação a isso. Essa busca vale pra você escrever sendo homem, mas buscando na sua escrita ser mulher, ser planta, como o Marcelo Ariel falou, ser bicho, ser o que se quer. A literatura precisa buscar isso e se permitir isso, ser múltipla e expandir. Acho que a palavra é "expansão''. Eu busco ler isso e busco cada vez mais que minha literatura seja essa expansão, essa multiplicidade de vozes rompendo com esses binarismos.

***

Bios

Ana Paula Ferraz é escritora e doutoranda na FFLCH--USP, onde investiga a escrita por meio dos biorrelatos de Maura Lopes Cançado. Participa do Lápis - Laboratórios de Criação - Escrita de Literatura e Teoria, Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa/ FFLCH, Universidade de São Paulo e coordena oficinas de bioescritas, além de atuar como ghostwriter em São Paulo. É autora da narrativa inédita "Brilhante.Clítoris" e prepara "Verão na Bósnia".

Felipe Souza é escritor e mestrando em Criação Literária pela USP, mesma universidade onde graduou-se em Ciências Sociais. Publicou o livro de contos "Enquanto o infarto não vem" (Patuá, 2018) e o romance "Curriculum Vitae" (Patuá, 2019). Participou ainda das antologias "Curva de Rio" (Giostri, 2017) e "Carne de Carnaval" (Patuá, 2018). Atualmente prepara seu segundo romance. Site: felipesouza.net.br.

Luca Miyazaki nasceu em 1994, São Paulo. É autor do livro "Elefantes" (Prêmio Nascente 2015) e de "celular.quitinete.rua" (2017), ambos de poesia, além do romance "Catálise" (2020), e das narrativas "Radio Silence" e "História de como voltei ao seu lugar", publicadas no meio digital. Como dramaturgo, foi um dos fundadores do Dramofagia.txt, laboratório voltado à escrita de peças; é autor das peças "Não ela: o que é bom está sempre sendo destruído" (2020), "Incubações de Sonhos "(2020) e "Tremor em Eldorado" (2019), encenadas em São Paulo. Atualmente, pesquisa escrita e performatividade em pós-graduação na USP.

Marcelo Ariel é poeta e ensaísta. Autor de "Tratado dos Anjos Afogados" (Letra Selvagem), "Com o Daimon no Contrafluxo" (Patuá), "Ou o Silêncio Contínuo poesia reunida 2007-2019" (Kotter Editorial), "Nascer é um incêndio ao contrário" (Kotter, 2020) entre outros, atuou como ator/roteirista no filme PÁSSARO TRANSPARENTE de Dellani Lima e gravou o disco de spoken word CONTRA O NAZISMO PSÍQUICO com o Projeto Scherzo Rajada. Atualmente coordena cursos de filosofia e escrita em São Paulo e prepara o livro de ensaios "A hiperinclusão-processos de cura da ferida colonial" e a novela "A Vida de Clarice Lispector".

Mauricio Salles Vasconcelos nasceu no Rio de Janeiro. Vive em São Paulo desde 2005. Poeta, tem inúmeros livros publicados. No final de 2020, lançou no gênero "Desde os anos 2000 (Minha Vida)". No campo da narrativa, foram editados nos últimos dois anos "Disco Dublê"; "Bráulio Pedroso (Novela da Noite)", ambos de 2018, e "Postar (Popstar)", em 2019, com o pseudônimo Teti Conrado. Como ensaísta é autor, entre outros títulos, de "Jean-Luc Godard - História(s) da Literatura" (2015) e "Avital Ronell - A questão, o escândalo", a cultura "test drive" (2019). Dirigiu 4 vídeos. Tem 2 roteiros cinematográficos inéditos. Escreveu e encenou muitas peças e performances, sendo as mais recentes "O Sintoma - Por uma vida sexual irrefreável" (2018); "Coqueiro, Areia" (2019) e "NeoMilênio (Cozinha-Compartimento)", em 2020.

***